



Bixa Travesty e outras espécies do fim do mundo

Tranny Fag and Other End of the World Species

Otávio Campos Vasconcelos Farjado

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
otavioc.fajardo@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo colocar em destaque algumas mitologias do fim do mundo e suas problematizações na cultura contemporânea, partindo das discussões apresentadas por Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski no livro *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins* (2017). Tomando como objeto poético a obra recente da cantora Linn da Quebrada, o ensaio discute a realidade da população transexual brasileira com o propósito de perceber como tal sentimento de catástrofe imanente aparece mais marcado em populações que já enfrentam o fim do mundo há alguns anos. Por fim, a análise também se debruça sobre trabalhos críticos como os de Donna Haraway (2009) e Jacques Derrida (2011), de modo a propor uma realidade por vir possível somente com a quebra da barreira de gêneros e com os recursos acessados a partir das ferramentas do poético.

Palavras-chave: Linn da Quebrada; fim do mundo; ciborgue.

Abstract: This paper aims to highlight some end of the world mythologies and their problematizations in contemporary culture, starting from the discussions presented by Eduardo Viveiros de Castro and Déborah Danowski in the book *Is there a world to come? Essay on fears and ends* (2017). Taking as poetic object the recent work of singer Linn da Quebrada, the essay discusses the reality of the Brazilian transsexual population in order to understand how such a feeling of immanent catastrophe appears more marked in populations that have already faced the end of the world for some years. Finally, the analysis also focuses on critical works such as those by Donna Haraway (2009) and Jacques Derrida (2011), in order to propose a reality to come only with the breakdown of the gender barrier and with the resources accessed by the poetic tools.

Keywords: Linn da Quebrada; end of the world; cyborg.

*Ques bicha estranha, ensandecida
Arrombada, pervertida
Elas tomba, fecha, causa
Elas é muita lacração*

LINN DA QUEBRADA

1. It's the end of the world

As três fotografias no topo do Instagram não preveem ou revelam o que vem depois. Nas duas últimas estou sorrindo, abraçado a algumas pessoas no mesmo bar em que duas semanas antes nos sentávamos no dia anterior ao segundo turno das eleições para presidente do Brasil. Aquele dia seguinte nunca será esquecido. Pelas fotografias estamos todos bem, porque na maioria das vezes elas não mostram o que está por trás. Elas não mostram, por exemplo, a manhã seguinte e o susto de me encontrar em casa. Elas não mostram a ressaca e o sentimento do fim do mundo. Este fim do mundo um pouco metafórico, um pouco não. O que sobressai é o desacordo, primeiro do meu corpo às situações que o exponho, depois o estar no mundo e o mundo que me expõe. Estamos sorrindo nas fotografias, mas a verdade é que temos muito medo. Acordo muito assustado, penso no fim do mundo e em como cheguei até aqui. Me lembro do bar, principalmente pelas fotografias, me lembro do sal, da tequila, do limão, algumas vezes, e depois o fim do mundo. Meu vizinho acorda cedo todos os domingos, e escuta Skeeter Davis como se morasse no campo. Hoje acordei com Davis chorando um término, em alto e bom som, perguntando por que as coisas continuam como são, já que o fim é iminente. *Don't they know it's the end of the world?* Eu acho que eles sabem sim.

Apesar de acordar cedo, mais do que o necessário, o dia não acontece. O corpo, como um organismo vivo, cobra seus preços. Passo boa parte do tempo na cama, assistindo no YouTube vídeos recomendados pelos algoritmos do aplicativo. A maioria deles envolvem rapazes jovens extremamente empolgados discutindo uma suposta teoria dos filmes da Pixar. Não é a primeira vez que me deparo com essa teoria, mas um detalhe importante me chamou a atenção: o fim do mundo. Ao que parece, os filmes da produtora de animação (agora filiada à Disney) compartilham o mesmo universo, e podem ser montados em uma cronologia diferente

das datas de lançamento. Os primeiros filmes dessa linha de tempo mostram desde a época dos dinossauros até a extinção da vida humana sobre a terra, em *Wall-E*. O mais interessante dessa última animação é que o personagem principal, um robô, é aficionado pela cultura humana, essa que sumiu da Terra, principalmente pelo alto nível de consumo. Em um cenário pós-apocalíptico, o robô interage com seu único amigo: uma barata, reforçando a crença de que os insetos, principalmente as baratas, seriam os únicos a resistirem a uma ameaça nuclear. O fim do mundo aqui, portanto, seria o fim do mundo dos humanos, uma extinção da raça, sobrando apenas a máquina e o inseto.

As mitologias do fim dos tempos acompanham praticamente todas as culturas das quais temos notícias. O calendário Maia, por exemplo, trouxe mais uma vez à tona essa preocupação quando decretou que tudo acabaria em 2012. Obviamente, não foi o que aconteceu, mas é interessante que uma das poucas coisas que trazemos da cultura Maia, ou que conhecemos, tem a ver com a ideia do fim do mundo. As culturas ameríndias, em geral, foram as primeiras da nossa era a experimentar o que seria o fim do mundo. Segundo Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, no livro *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins* (2017), em analogia à destruição da Terra ao se chocar com o planeta Melancholia, no filme de Lars Von Trier, a população ameríndia viu seu mundo ser completamente destruído, saqueado, trucidado, ao se chocar com planeta Mercadoria. O genocídio dos povos ameríndios, o fim do mundo deles, para os autores, foi o começo do mundo moderno na Europa, pois “sem o saque das Américas não haveria capitalismo, nem, mais tarde, revolução industrial, talvez nem mesmo, portanto, o Antropoceno” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 145). O anúncio do fim está em toda parte, romantizado ou cortando na pele, como muitos sentem hoje no país pós-eleições. Talvez seja o momento mais do que oportuno de nos voltarmos ao pensamento ameríndio e aprender a lidar com essa situação a partir de quem vive nela há pelo menos 500 anos.

Viveiros de Castro e Danowski acreditam ainda que o fim do mundo pode ser também um acontecimento fractal, no sentido de fracionamento, que acontece várias vezes e se reproduz indefinidamente em diferentes escalas. Penso então que não precisamos ir para tão longe, se percebemos que certas formas de existência atuais têm enfrentado cada vez mais rápido a iminência da catástrofe. Os povos nativos da América

perderam 95% de sua população “pela ação combinada de vírus (...), de ferro, de pólvora e de papel (os tratados, as bulas papais, as *encomendas*, e, naturalmente, a Bíblia)” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 142). Nessa perspectiva, é o papel um dos grandes agentes dizimadores das travestis e transexuais no Brasil contemporâneo¹.

A existência cidadã e, sobretudo, política dessa parcela da população LGBT+ vem sendo colocada em risco principalmente pela ascensão de uma bancada religiosa no congresso brasileiro (vulgarmente conhecida como bancada da Bíblia). Apesar de o país ser líder mundial de assassinatos de pessoas trans, com números que só tendem a aumentar², algumas tímidas conquistas pareciam estar caminhando, como a aprovação do registro civil a esse grupo no início do ano, e a possibilidade do uso do nome social no Enem. Hoje, entretanto, a aprovação de uma lei que tipifique o LGBTcídio vem ficando cada vez mais distante, visto a intromissão (por votação popular) de uma estrutura moralizante na política brasileira, sob a figura do assumidamente homofóbico Jair Bolsonaro, cuja campanha eleitoral se baseou fortemente na depreciação de uma suposta “ideologia de gênero”, que liberaria, basicamente, a existência de homossexuais e travestis na sociedade. Um cenário apocalíptico vem se desenhando para essas populações, principalmente após o primeiro turno das eleições (quando a derrota no turno seguinte já era esperada) e os inúmeros casos de ataques pessoais motivados por questões políticas. A chegada ao poder de alguém que conserva ideias tão prejudiciais a essa parcela da população só pode significar a legitimação de uma suposta atitude moralizante (uma espécie de eugenia) que busca eliminar os que cada vez menos se assemelham à raça humana que se busca.

2. Bixa Travesty Ciborgue

É nesse cenário de fim do mundo que desponta uma poética como a de Linn da Quebrada, travesti da periferia de São Paulo cujo primeiro álbum, *Pajubá*, lançado em 2017, vem fazendo grande sucesso nas

1 Não somente o Brasil, mas também outros países que enfrentam semelhante onda conservadora. É o caso dos Estados Unidos, por exemplo, onde a administração de Donald Trump pretende eliminar o reconhecimento de pessoas transexuais, criando uma definição de gênero baseada na determinação determinada pela genitália ao nascer.

2 Ver os últimos dados do relatório do Grupo Gay da Bahia: <http://www.ggb.org.br/>.

plataformas virtuais de *streaming* e cuja imagem se espalha hoje pelas redes criadas pela internet. A própria imagem de Linn da Quebrada, antes de sua música, já se apresenta como esse choque pós-humano na cultura antropocêntrica, já que ela tem cara de mulher, ela tem corpo de mulher, ela tem jeito, tem bunda, tem peito, e o pau de mulher. Quem se apresenta é aquela figura disposta além da dicotomia homem e mulher, no suposto futuro de uma raça em vias de extinção. Durante a canção tema do curta-metragem *blasFêmea*, por exemplo, a personagem que vemos de noite pelas calçadas, andando de esquina em esquina, não é homem nem mulher, mas se proclama como uma “trava feminina”. O filme, além de uma espécie de denúncia das condições às quais se submete o corpo travesti, como a prostituição e a violência envolta na prática, traz no título essa ironia com o sufixo “fêmea”, que é o que choca os mais conservadores (como aceitar uma mulher que tem um pênis?), e a tensão com o aspecto religioso da sociedade. É uma blasfêmia contra a moral religiosa essa suposta ideologia performática de gênero, uma aberração à construção da espécie humana, como foi defendido fortemente na campanha que elegeu o novo presidente brasileiro.

Para Donna Haraway, a blasfêmia não é uma quebra desordenada da religiosidade, mas uma perspectiva que pede que as coisas sejam levadas a sério. Em seu *manifesto ciborgue*, a autora afirma que a blasfêmia nos protege “da maioria moral interna, ao mesmo tempo em que insiste na necessidade da comunidade” (HARAWAY, 2000, p. 35), aqui essa comunidade pós-humana e feminina, que se apresenta no curta de Linn da Quebrada resgatando a travesti de um ataque transfóbico e, no fim da narrativa, unida em um banho de ervas cantando o final de uma supremacia do homem. A ironia do corpo humano que se apresenta nessa peça tem a ver com as contradições que não se resolvem em totalidades mais amplas: “ela tem a ver com a tensão de manter juntas coisas incompatíveis porque todas são necessárias e verdadeiras” (HARAWAY, 2000, p. 35). O que temos chamado de blasfêmia é também, em última instância, uma espécie de fé, mas essa sem uma lógica excludente, e sim como uma forma de se estar em um futuro mundo sem nós. É no centro dessa fé, da blasfêmia, afirma Donna Haraway, que aparece a imagem do ciborgue.

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais

vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. (HARAWAY, 2000, p. 36)

O mito do ciborgue se cria justamente onde a fronteira entre o humano e o animal é transgredida. A animalidade caçada, que se apresenta na poética de Linn da Quebrada, trabalha nessa fronteira, mas cada vez mais se distanciando do humano e chegando próximo ao animal e também à máquina. A bicha travesti de um peito só (como na canção “Bixa Travesty”) é aquele ser modificado pela tecnologia e que, ameaçado pela ontologia humana, se identifica cada vez menos com a natureza dada. Como já é comum na ficção científica contemporânea, a personagem que se desprende dessa poética é uma criatura simultaneamente animal e máquina, que habita mundos que são, de forma ambígua, tanto naturais quanto fabricados (HARAWAY, 2000, p. 36). Para Viveiros de Castro e Danowski, tal perspectiva “aceleracionista”³ do fim do mundo, conforme defendida por teóricos como Haraway, entende que “nós” devemos escolher entre o animal que somos e a máquina que seremos: “Em sua angeologia materialista, eles propõem, em suma, um mundo sem nós – mas feito por nós. Reciprocamente, imaginam uma espécie pós-humana recriada por uma ‘plataforma material’ hipercapitalista – mas sem capitalistas” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 82).

Para a perspectiva aceleracionista, portanto, já que o fim é inevitável, não adianta retardar esse processo, mas a arma seria justamente fazer com que ele chegue cada vez mais rápido e tenhamos que conviver com as configurações que se estabelecem depois da hecatombe. O fim que aqui falamos, mais do que do próprio ambiente, é do humano. É por isso que uma perspectiva apocalíptica de um trabalho poético como *Pajubá* não se encontra com uma destruição total do ambiente, do planeta, como no filme de Lars Von Trier, mas sim com o surgimento de uma animalidade tecnológica que indicaria o único futuro possível após a destruição em massa de um ambiente terreno. Claro que a espécie retratada por Linn da Quebrada parte do humano, mas ao ter

3 O aceleracionismo é uma das correntes de pensamento do fim do mundo apresentadas por Danowski e Viveiros de Castro em *Há mundo por vir?* Diferentemente dos evangelhos do reencantamento capitalista dos Singularitanos, a intuição básica dos aceleracionistas é que um certo mundo, que *já* acabou, deve *acabar de acabar*, que é justamente o nosso mundo do capitalismo tardio.

sua humanidade constantemente negada (com os documentos, com os assassinatos, com a representatividade) se transforma nessa espécie de zumbi, um ser sem sistema digestivo, que luta para se manter vivo, morto, vivo, morto (Viva!), como aparece na terceira faixa do disco, “Bomba pra caralho”. Nessa mesma música, percebe-se, ainda, um outro agravante para a catástrofe: a voz poética não é apenas de uma bicha travesti, mas de uma bicha preta. Dois pontos de risco na sociedade conservadora: ser negra, e ser travesti.

Talvez não seja necessário mostrar o número de assassinatos de pessoas negras no Brasil contemporâneo, mas destacar uma estatística estupidamente recente: o número de mortes de brancos diminuiu significativamente nos últimos anos, ao contrário do número relativo a pessoas negras, que cresceu proporcionalmente. Antes do sucesso com seu disco de estreia, o trabalho de Linn já repercutia na internet, principalmente depois do lançamento do *single* “Bixa Preta”. Na faixa de 2017, a voz poética fala não apenas da “Bicha estranha / Louca preta da favela” que “Quando ela tá passando / Todos riem da cara dela” (QUEBRADA, 2017a), mas da força e da resistência desses seres animais (por isso são tão importantes os sintagmas, comumente usados, que se referem à animalidade, como “bicha” e “viado”) que sobrevivem aos constantes ataques do inimigo humano denominado “macho”. A suposta superioridade masculina é a responsável pela dizimação dessa parcela social, que aparece no refrão da música confundida com o som de disparos de tiros (“Bixa Pre-TRÁ-TRÁ-TRÁ”). Não é à toa que confundimos os substantivos “humano” com “homem”, pois toda humanidade que não se adequa à masculinidade pode, por um lado, reforçar a identidade humana (no caso das mulheres que, pela subjugação como produto, participam da lógica da dependência e da prevalência do homem), ou colocá-la em xeque, como é o caso das bichas. Essas últimas, entretanto, para manter a ordem, devem ser eliminadas ou mantidas na clandestinidade. Linn da Quebrada canta o depois da tragédia anunciada.

3. Estou tentando entender

No Brasil, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é uma prova realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), autarquia vinculada ao Ministério da Educação,

e foi criada em 1998. Ela é utilizada para avaliar a qualidade do ensino médio no país. Seu resultado serve para acesso ao ensino superior em universidades públicas brasileiras, através do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), assim como em algumas universidades no exterior. Em 2018, a população travesti e transexual brasileira pôde utilizar pela primeira vez o nome social durante a aplicação do exame, garantindo, supostamente, mais direitos sociais a essa minoria. Como professor de redação de um curso voltado ao Enem, e conhecendo as possibilidades de um assunto como esse ser tema da prova, decidi trabalhar a proposta “Desafios para se vencer a transfobia no Brasil contemporâneo”, trazendo, como alusão cultural para o texto, o curta de Linn da Quebrada, já que ninguém melhor para falar das dificuldades de ser travesti no país do que uma artista travesti, que utiliza justamente essa vivência para trabalhar sua poética.

Não vou entrar nos detalhes que acarretaram minha demissão, por mais que sejam óbvios. Me interessa, principalmente, a fala do diretor da escola, quando me abordou quanto ao vídeo. Segundo ele, era extremamente problemático uma discussão como aquela, porque eu estaria fazendo “apologia à prostituição” em sala de aula, já que mostrava uma travesti. Além disso, ele também chegou a afirmar que não tinha entendido o vídeo, que assistira em casa antes da nossa reunião. Eles realmente não entendem. Eles sabem que é o fim do mundo, mas não entendem o motivo. Eles sabem do perigo que é trazer uma figura como essa, que vai de encontro à moral religiosa, à narrativa de uma origem mitológica homem e mulher. Para Donna Haraway é essa a apoteose do ciborgue, um ser sem gênero que será também um mundo sem gênese. O que eles não entendem é que esse mundo sem gênese é também, talvez, um mundo sem fim (HARAWAY, 2000, p. 38).

Em certo sentido, o ciborgue não é parte de qualquer narrativa que faça apelo a um estado original, de uma “narrativa de origem”, no sentido ocidental, o que constitui uma ironia “final”, uma vez que o ciborgue é também o *telos* apocalíptico dos crescentes processos de dominação ocidental que postulam uma subjetivação abstrata, que prefiguram um eu último, libertado, afinal, de toda dependência – um homem no espaço. (HARAWAY, 2000, p. 38)

Para o alívio da escola, o tema da redação do último exame não teve relação com a identidade trans, mas uma questão linguística, que

envolvia o dialeto utilizado por tal minoria, o “pajubá”, chamou a atenção e despertou comentários raivosos daqueles que não entendem mas sentem o perigo de uma ordem apocalíptica. Com origem iorubá, a linguagem utilizada por gays e travestis apareceu no exame a fim de avaliar os usos de variantes linguísticas, atendendo à competência 8, habilidade 26, da matriz de referência do Enem. Apesar da fundamentação de sua importância no escopo avaliativo do Instituto de Pesquisa, referência mundial, a menção à comunidade que utiliza o dialeto foi o bastante para que o presidente eleito declarasse, em uma entrevista ao vivo, que a prova trazia a temida ideologia de gênero e de nada servia às pessoas: “Uma questão de prova que entra na dialética, na linguagem secreta de travesti, não tem nada a ver, não mede conhecimento nenhum. A não ser obrigar para que no futuro a garotada se interesse mais por esse assunto”⁴. A fala do atual presidente da nação exclui não somente a importância de um registro linguístico, que atua na ordem da manutenção de uma comunidade, mas também elimina a possibilidade de cidadãos LGBT em geral pertencerem à formação da cultura nacional, deixando cada vez mais explícita a visão da não-humanidade dessa população: “Ninguém quer acabar com o Enem, mas tem que cobrar ali o que realmente tem a ver com a história e cultura do Brasil, não com uma questão específica LGBT. Parece que há uma supervalorização de quem nasceu assim”⁵.

Em uma das primeiras músicas de seu disco de estreia, que se chama justamente *Pajubá*, como já dito, Linn da Quebrada aborda essa não compreensão da sua figura, não apenas por parte dos algozes, mas também da bicha, que não entende o que há nela que tanto incomoda a outridade. Já conseguimos perceber por quais fatores isso se dá: a identidade homem/humana só se apresenta a partir de um processo de exclusão: sou humano porque não sou *aquela* animal ali, que paradoxalmente deve ser eliminado para que a vida terrena se torne “própria do homem”. É Jacques Derrida (2011) quem populariza tal expressão quando, em um texto como *O animal que logo sou*, ao ser surpreendido pelo olhar de um gato, enquanto estava nu, começa a perceber o que há de humano no animal e vice-versa. A partir daí, discute quais são as ações e, principalmente, as percepções

4 Jair Bolsonaro em entrevista ao apresentador José Luiz Datena no Brasil Urgente, da Band, em 04 nov. 2018.

5 Jair Bolsonaro em entrevista ao apresentador José Luiz Datena no Brasil Urgente, da Band, em 04 nov. 2018.

que colocam a humanidade como privilegiada no cenário logocêntrico. Se de um lado há aqueles desígnios próprios da humanidade, há também as animalidades que são observadas ou que surgem nesse processo de exclusão identitária. Como boa ciborgue, Linn da Quebrada, bem como as travestis em geral, borra essa fronteira e desestabiliza as estratégias do controle social.

A relação entre humano e animal, e suas aproximações, não é algo exclusivo de um discurso pós-apocalíptico, como aqui tenho tratado. Podemos citar como exemplo o romance *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, não somente por conta da barata e da famosa cena em que a personagem a come, mas principalmente pelo início da narrativa. É G.H., em primeira pessoa, que se coloca na introdução sem maiúscula: “estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender” (LISPECTOR, 1998, p.7). O que entende? A narrativa do livro é simples, em certos pontos banal: G.H., após despedir sua empregada doméstica, vai até o antigo quarto ocupado por ela para limpá-lo/ desocupá-lo para a próxima que virá, e se depara com uma barata e sua não-humanidade no chão. É o primeiro choque: a repulsa com o corpo vivo do outro, que impele à ação imediata: esmagar a barata até a viscosidade se tornar aparente. É preciso que morra, em primeiro lugar, para que depois pense. Depois de morta a bicha, a personagem, então, decide provar do líquido. Ao esmagar a barata e degustar do seu interior branco, acomete a G.H. uma revelação. Provando do animal, a mulher comunga com ele a não-civilidade. Lançada para fora do humano, se mostra também como o animal que logo é.

4. Estou procurando

Na abertura de *Pajubá*, como a abertura de uma porta para outro lado, há também o movimento da procura. “Estou procurando / Estou procurando / Estou procurando, estou tentando entender” (QUEBRADA, 2017a) dizem os primeiros versos de “Submissa do 7º Dia”. A diferença da repetição das palavras de G.H. se dá a partir do contexto da nova locução. Não é mais a fala daquela que se veria em pouco surpreendida pelo bicho estranho, mas sim do próprio bicho, ou da bicha, para ser mais específico, que vê sua animalidade colocada em discussão. O que a voz procura nesse verso é o motivo do incômodo com sua presença. O que a bicha procura e tenta entender é “O que é que tem em mim / Que

tanto incomoda você” (QUEBRADA, 2017a). Nessa analogia, Linn da Quebrada se aproxima muito mais da barata de G.H. do que da própria personagem. É ela quem precisa ser esmagada até a viscosidade se tornar aparente. É preciso um cenário depois desse fim para que possamos pensar na sua participação nesse mundo, como faço agora.

Mas as baratas, pela crença popular, resistem. O vestígio da animalidade da travesti, assim como seu caráter de máquina, de ciborgue, resiste à catástrofe e canta, mesmo que esse canto seja atravessado pela memória de um massacre, pela memória de todas as travestis que passaram (“É o sangue dos meus / que escorre pelas marginais” (QUEBRADA, 2017a)) e vivem esse fim de mundo anunciado pela nossa era do Antropoceno. Como na animação da Pixar, Linn da Quebrada é tanto Wall-E quanto a barata que o acompanha, tanto o animal que foi quanto a máquina que será.

O operário-máquina cognitiva plugado na Rede, zumbificado pela administração contínua de drogas químicas e semióticas, produtor-consumidor perenemente endividado do Imaterial, gozando avidamente com a própria exploração, é o novo anti-sujeito heroico desse pós-mundo freneticamente desvitalizado, esta distopia jubilosa. (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 76).

Nem tão jubilosa assim, essa distopia nos mostra como certos mecanismos de fuga e resistência são acionados para a sobrevivência (ou mesmo *subvivência*) ao mundo real. E o mundo real é justamente este nosso mundo desértico do capitalismo tardio, no qual a realidade se tornou um corolário derrisório do seu próprio simulacro. O anúncio do fim está por toda a parte, mesmo que nosso futuro ministro das Relações Exteriores afirme que o aquecimento global, por exemplo, não passa de uma ideologia da esquerda⁶. O desafio, portanto, não é somente nos manter calmos diante de um cenário tragicamente anunciado, mas procurar modos de subjetivação nos quais seja possível reconstruir um novo mundo, mesmo que este seja um mundo sem “nós”. As travestis brasileiras, que já enfrentam esse desafio há alguns anos, e ultimamente

6 Ver matéria publicada no tabloide britânico *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/nov/15/brazil-foreign-minister-ernesto-araujo-climate-change-marxist-plot>. Acesso em: 20 nov. 2018.

vêm cada vez mais passando por processos de desumanização, talvez mostrem este caminho que estou procurando. Há de existir, mesmo que em um *vir a ser*, este espaço no qual o acontecimento fractal do fim do mundo deixe de se reproduzir. Eu estou procurando.

Referências

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundos por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie; São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou* (A seguir). São Paulo: Editora UNESP, 2011.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

QUEBRADA, Linn da. *Pajubá*. São Paulo: Independente, 2017a.

QUEBRADA, Linn da. *blasFêmea | Mulher*. 2017b. (10m18s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-50hUUG1Ppo>. Acesso em: 20 set. 2019.

WALL-E. Direção: Andrew Stanton. Emeryville: Pixar Animation Studios, 2008. 1 DVD (98 min.), son., color.

Recebido em: 30 de setembro de 2019

Aprovado em: 8 de janeiro de 2020